

Imagens de um lugar inexistente: o da criação

No livro 'O lugar do escritor', Eder Chiodetto registra o espaço em que 36 autores imaginam as suas histórias



LYGIA FAGUNDES TELLES recorta o texto; o computador, presente do editor, espera

Nani Rubin

Jorge Amado gostava de escrever imerso no caos doméstico. Como ele, Adélia Prado também prefere produzir seus livros em meio ao movimento do cotidiano, com o "pulsar da vida". Moacyr Scliar tampouco tem problemas com pessoas que passam os telefones que tocam. "Consegui superar essa compulsão pelo isolamento que assola a maioria dos escritores", diz. Ao contrário de Rachel de Queiroz, para quem o escritório é um santuário. Ou para Modesto Carone, que fecha a porta de seu quarto-escritório mesmo estando sozinho em casa. Sagrado ou esculhambado, fechado para bisbilhoteiros ou aberto à curiosidade alheia, o local onde o escritor cria suas histórias ganha um espaço privilegiado no livro "O lugar do escritor", de Eder Chiodetto (Cosac & Nailly), que chega esta semana às livrarias. Com ele, uma exposição de fotos, que abre quinta-feira no Sesc Vila Mariana, em São Paulo, de onde veio vir de

depois para o Rio. "O lugar do escritor" pertence ao gênero livro-entancamentismo. Chiodetto é fotógrafo, logo, curioso por dever de ofício. Mas é também jornalista. Escreve. E lê muito. Foi seu perfil de amante de literatura, principalmente a brasileira, que o levou a ser escolhido para fazer uma reportagem fotográfica no jornal "Folha de S. Paulo", onde trabalhou, sobre o escritório do escritor. A re-



JOÃO UBALDO: escritório-bagunça

portagem era inspirada no livro "Writer's desk", da americana Jill Krenmentz, e previa o registro da mesa de trabalho de apenas três autores. — Gostei da forma simples de edição do livro, mas ele não respondia às minhas questões; eu queria penetrar no lado criativo do escritor — diz Chiodetto, que se apaixonou pela pauta a ponto de transformá-la no projeto pessoal que vem agora a público, depois de cinco anos de execução. Chiodetto se impôs, como ponto de partida, ter lido pelo menos um livro de cada um dos 36 autores fotografados. Foi assim, por exemplo, que percorreu pela primeira vez a prosa de João Gilberto Noll. Apaixonou-se e, até marcar a entrevista, leu mais alguns do mesmo autor. No mesmo caso estão Rubens Figueiredo e Bernardo Carvalho, dois jovens autores de quem agora é fã confesso. Outros, como os reclusos Rubem Fonseca e Dalton Trevisan, mantiveram a tradição de não abrir o jogo e negaram-se a participar. Adélia Prado também recusou um primeiro momento, com um argumento tecnicamente irrefutável: "Não me encaixo no seu projeto. Escrevo onde estiver na casa". Uma troca de fax provou o contrário: Chiodetto queria fotografar o lugar onde nasciam as histórias, e não a mesa de cozinha. João Cabral, "traidinho" carinhosamente pela mulher, a poeta Marly de Oliveira, ainda tentou se esquivar no cara a cara com o fotógrafo,



Fotos de divulgação de Eder Chiodetto

MOACYR SCLIAR em sua biblioteca de livros deitados: "Ficam na horizontal para que seus autores também repousem", diz



BERNARDO CARVALHO: "Muralha contra as coisas cotidianas"



PAULO COELHO: espaço necessário para a imaginação

ao abrir a porta de casa: "Não sou mais um escritor. Estou cego. Para escrever, preciso ver". Mas está lá a bela foto do poeta, assim como esta declaração e outras mais, em textos pequenos, mas que têm em comum com as fotos a capacidade de sintetizar a relação do escritor com o ato de criação. — A princípio, pensei em fazer um livro só de fotos. Tive receio de aparecer como escritor ou repórter no meio de todos esses escritores — diz. Quem fez com que mudasse de ideia foi a artista plástica Pinky Wainer, autora do belo projeto gráfico do livro. Pinky, muito acertadamente, achou que as histórias que Chiodetto contava sobre cada uma daquelas fotos tinham que estar lá. O que só faz acrescentar a uma obra que, fosse só de fotos, já estaria completa.

Para fechar a um resultado tão preciso, Chiodetto contou com um instru-

mento a seu favor: tempo. Que usou em demoradas negociações com os mais reticentes, ou passando horas seguidas com seus personagens, como Lygia Fagundes Telles, por exemplo, em cuja casa entrou de manhã cedo e de onde saiu à tardinha.

Uma história fotográfica sobre contadores de histórias

No fim, conseguiu o que queria: contar uma história sobre contadores de histórias, superando o desafio de fotógrafo, como diz, um lugar que não existe.

— O escritório do escritor é apenas uma plataforma para o espaço da abstração.

É o lugar onde Manoel de Barros guarda todas as "besteiras" que escreve. Onde Luis Fernando Veríssimo prefere desenhar a escrever; onde João Ubaldo, envolto na bagunça, está sem-

pre atrasado; e onde Augusto de Campos não deixa que Gertrude Stein e Ezra Pound, esses autores "irreconciliáveis", misturem-se na estante. É onde Ariano Suassuna revisa os escritos deitado numa cama; é também onde Haroldo de Campos é pegado repentinamente por uma poesia, "a única coisa que pode acontecer de inesperado".

Chiodetto conseguiu traduzir esta relação em fotos que mostram muito de cada autor. Adélia Prado, por exemplo, está linda em seus dois retratos. Não quisesse ela se igualar à sua obra. "Estou sempre no encaixe do meu próprio livro", diz no texto que acompanha as imagens. "Se o acho bonito, quero ser bonita. Quero ser boa e perfeita, igual a ele." Não à toa, está é um dos depoimentos preferidos de Chiodetto, que assume pretender, ele também, ser tão perfeito quanto o seu livro de estréia. ■

CD póstumo de Harrison é uma coerente e bela despedida

'Brainwashed', que chega amanhã às lojas, foi terminado pelo filho do ex-Beatle Dhani e pelo amigo Jeff Lynne

Jamari França*

'Brainwashed', o CD póstumo de George Harrison que será lançado mundialmente amanhã, é o primeiro de estúdio do ex-Beatle desde "Cloud Nine" (1997). O câncer que o matou em 29 de novembro do ano passado deixou a tarefa de concluir o disco para o amigo Jeff Lynne e o filho Dhani Harrison. São 11 músicas inéditas e o standard dos anos 30 "Between the devil and the deep blue sea", uma gravação divertida com o grupo do músico e apresentador da BBC Jools Holland.

Quando anunciou que a gravar, Harrison, admitiu que teria a mesma assinatura musical de "Cloud Nine": "Não ouço coisa alguma, não leio jornais, não vejo TV e não vou a shows. Por isso não importa se minha música foi feita hoje ou há 20 anos. Não sigo a moda. Minhas calças não ficam mais largas ou mais apertadas a cada seis meses. Minha música é o que é e é assim que quero."

Harrison decidiu fazer seu testamento musical depois que o câncer, que se manifestou pela primeira vez no pescoço em 1997, espalhou-se. Como não teve tempo de concluí-lo, passou a tarefa para Lynne, pedindo-lhe que deixasse a sonoridade áspera como uma pré-produção. Lynne pediu desculpas póstumas ao amigo, mas optou por uma produção bem cuidada, com o total apoio de Dhani. "Acho que conseguimos um equilíbrio, eu as fiz mais bem-acadadas do que ele queria para fazer 'Justica ao material'. As finalizações duraram seis meses no estúdio de Lynne na

Califórnia. Dhani conta que Harrison assombrava as sessões. "Lembro-me de gravar guitarras com Jeff na primeira noite. Foi a coisa mais surreal. Eu olhava para o lado, procurando meu pai — 'Está bom?'"

Lynne diz que, gradualmente, a presença de Harrison passou a ser sentida de maneira positiva. "Os primeiros dias foram difíceis. Mas, aos poucos, quando trabalhávamos ouvindo sua voz em alto e bom som, era como se ele estivesse nos guiando de alguma maneira."

Disco soa como o testamento musical e existencial do ex-Beatle

A produção se concentrou no trio George-Jeff-Dhani, e no baterista Jim Keltner em sete músicas. Harrison se dividiu entre a guitarra, normal ou slide (e nesta última ele é dos melhores de sua geração), teclados, baixo, banjo e violão. Lynne tocou baixo, teclados e fez vocal; Dhani, guitarra, violão e vocais. A sonoridade é orgânica até o fundo da alma, variando do folk ao rock, caindo para o country e o blues, bem identificado com o som do sul dos EUA. Harrison lega neste testamento muitos momentos bonitos de execução de guitarra, especialmente na instrumental "Marwa blues", versos inspirados que falam de amor, política, religião e da busca nossa de cada dia por algum significado para a existência neste grão de poeira do universo.

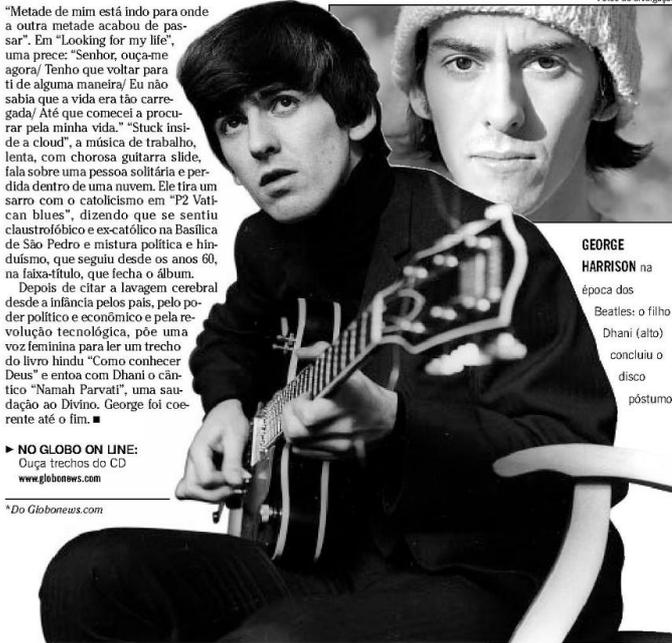
Em "Any road", diz que cada um paga sua cota nesta vida, "e se você não sabe para onde está indo, qualquer estrada te levará até lá." Em "Pisces fish", Harrison se apresenta como "uma prova viva" das contradições cotidianas:

"Metade de mim está indo para andar a outra metade acabou de passar." Em "Looking for my life", uma prece: "Senhor, ouça-me agora/ Tenho que voltar para ti de alguma maneira/ Eu não sabia que a vida era tão carregada/ Até que comecei a procurar pela minha vida." "Stuck inside a cloud", a música de trabalho, lenta, com chorosa guitarra slide, fala sobre uma pessoa solitária e perdida dentro de uma nuvem. Ele tira um sarro com o catolicismo em "P2 Vatican blues", dizendo que se sentiu claustrofóbico e ex-católico na Basílica de São Pedro e mistura política e hinduísmo, que seguiu desde os anos 60, na faixa-título, que fecha o álbum.

Depois de clicar a lavagem cerebral desde a infância pelos pais, pelo poder político e econômico e pela revolução tecnológica, põe uma voz feminina para ler um trecho do livro hindu "Como conhecer Deus" e entoa com Dhani o cântico "Namah Parvati", uma saudação ao Divino. George foi coerente até o fim. ■

► NO GLOBO ON LINE: Ouça trechos do CD www.globo.com

*Do *GloboNews.com*



Fotos de divulgação

GEORGE HARRISON na época dos Beatles; o filho Dhani (alto) concluiu o disco póstumo

